

UM PAÍS LEVANTADO EM ALEGRIA, DE RICARDO VIEL (20 ANOS DO PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA A JOSÉ SARAMAGO)

CHRISTOPHER ROLLASON

O congresso internacional que teve lugar em outubro de 2018 em Portugal, sob a égide da Universidade de Coimbra, para comemorar o vigésimo aniversário do Prémio Nobel de Literatura de José Saramago também foi a ocasião do lançamento de dois livros, novidades no universo saramaguiano, sendo ambos volumes publicados pela Porto Editora, com o patrocínio da Fundação José Saramago. Um desses livros é um original de Saramago, concretamente, o *Último caderno de Lanzarote*, a sexta e última entrega da série de diários do escritor conhecida como os *Cadernos de Lanzarote*, abrangendo este a época do Nobel; o outro é o volume, objeto desta recensão, intitulado *Um país levantado em alegria* e com o subtítulo “20 anos do Prémio Nobel de Literatura a José Saramago”. O livro é compilado, organizado e introduzido por Ricardo Viel, jornalista brasileiro e diretor das comunicações na Fundação José Saramago, e tem prefácios assinados pelo pensador português Eduardo Lourenço e o escritor nicaraguense Sergio Ramírez. Existe também uma versão em língua espanhola, traduzida Por Pilar del Río, (*Un país levantado en alegría*, Madrid: Alfaguara, 2018).

O Nobel de Saramago foi um evento cultural de envergadura, a primeira (e até à data, única) ocasião em que o galardão literário mais prestigioso do mundo coube a um autor de língua portuguesa. Foi percebido através do mundo lusófono como um glorioso triunfo e uma justa recompensa para uma língua falada por mais de 200 milhões de pessoas e possuidora, há séculos, de uma rica tradição literária.

Ricardo Viel deriva o seu título de um discurso comemorativo proferido em presença de Saramago, no Porto, pouco depois do Nobel, pelo agora falecido decano das letras portuguesas, Eduardo Prado Coelho. O crítico luso declarou que nos dias que se seguiram à grande notícia, a literatura tinha ‘subido à rua’, elaborando:

É possível, como se viu nesta semana, que um país se levante em alegria porque alguém ganhou um prémio de literatura. É possível que um escritor invente uma energia nova para a palavra “levantar”. É possível que durante alguns dias a literatura tenha, como disse, subido à rua. Mas Saramago deu-nos a explicação: há momentos em que tudo parece possível, este é um desses (p.53).

A este discurso – e para além dele, em último lugar ao próprio título saramaguiano *Levantado do chão* – podemos atribuir o título deste estudo de Ricardo Viel.

O autor abre a sua narração com o grande momento de transformação que aconteceu a 8 de outubro de 1998, sendo o protagonista José Saramago, escritor português nascido em 1922, residente na ilha de Lanzarote, nas Canárias, casado com a jornalista espanhola Pilar del Río e autor de uma série, já extensa, de romances de distinção como *Memorial do convento*, *O ano da morte de Ricardo Reis* ou *Ensaio sobre a cegueira*. O recém-nobelizado soube do seu prémio no aeroporto de Frankfurt quando já esperava o voo de regresso a casa depois de presenciar a famosa Feira do Livro da cidade alemã. Ricardo Viel nos permite seguir os passos de Saramago à medida que regressava à feira para as inevitáveis apresentações e cerimónias, enquanto Pilar se preparava para atender às inúmeras interrogações que lhe chegariam em Lanzarote. Há também uma minuciosa reportagem dos eventos e celebrações que logo se desenvolveram em Lisboa e, posteriormente, em Estocolmo, até à própria cerimónia da entrega do Nobel. Notamos aqui que se reproduz integralmente o “Discurso de Estocolmo” de Saramago (o qual já foi publicado como panfleto pela Fundação José Saramago e aparece no *Último caderno de Lanzarote*). O livro conclui com uma emocionante sequência de entradas do diário desses dias na Suécia redigidas por Pilar del Río, testemunha mais pessoal da grandeza dos eventos.

Dedica-se também um espaço amplo do livro à crónica das inúmeras homenagens que recebeu o laureado português, originárias tanto de figuras exaltadas da república das letras como da comunidade dos leitores comuns. Como tema recorrente, encontramos a noção da esfera cultural lusófona e a sensação de que este prémio não é meramente de José Saramago mas também de uma nação inteira, e além disso, de uma língua de impacto global. No discurso de Estocolmo, Saramago evoca aqueles que vieram antes e cuja presença se sente detrás dele, prestando

tributo “aos escritores portugueses e da língua portuguesa, aos do passado e aos de agora”, recordando que “eu sou apenas mais um” (p.163).

Numerosas cartas e mensagens (transmitidas por fax ou e-mail), de Portugal, Brasil, Itália, Espanha ou Hispano-américa, são reproduzidas integralmente, traduzidas onde necessário para português; e aparecem, como ilustrações, fotografias de uma generosa seleção de mensagens, assim como de bom número de páginas de jornais.

Ricardo Viel mostra-nos de maneira pormenorizada, através de citações textuais, como os parabéns ao nobelizado se multiplicaram da parte dos mais prestigiosos membros dos meios literários e culturais. Entre os autores das mais vivas felicitações figuram vultos como o jornalista José Luis Cebrián, fundador do *El País*, ou a viúva de Jorge Luis Borges, Maria Kodama, ou ainda ícones da música popular portuguesa como Manuel Freire ou Sérgio Godinho. Para Jorge Amado, o galardão foi “esta vitória, sua pessoal [de Saramago] e da literatura de língua portuguesa” (p. 108); para Gabriel García Márquez, este Nobel e a reação entusiasta no universo hispano vieram a confirmar, na sua opinião, que “a literatura ibero-americana é só uma” (p. 113); e no México, Marisol Schulz, diretora da Feira do Livro de Guadalajara, declarou que foi “um prémio ... para a literatura e para as causas mais justas da humanidade” (p. 114).

Afluíram comunicações das mais variadas fontes: para citar o próprio Saramago, “instituições do Estado, câmaras municipais, escolas, universidades, bibliotecas, meios de comunicação social e leitores em geral” (p. 81). Chegaram igualmente incontáveis mensagens de cariz mais humilde, enviadas como “mensagem em garrafa” por admiradores da literatura de Saramago, de todo o lado e de qualquer esfera da vida. Como leitora representativa, citamos a professora do Ensino Secundário da cidade de São João da Madeira que confessa na sua carta: “Hoje, agora que acabei de receber a notícia, ousou escrever-lhe sem sequer saber para onde endereçar a carta, sem saber se será lida”. Mesmo assim se aventurou a partilhar com o laureado a maneira como soube a notícia na escola, quando um colega bateu à porta da sua aula para lha anunciar (p. 128). E a sua carta chegou ao destinatário, como também chegaram outras confiadas à sorte, endereçadas simplesmente a, por exemplo, “Sr. D. José Saramago – Escritor – Lanzarote” (p. 85), e que, apesar disso, chegaram milagrosamente às mãos do galardoado.

A atmosfera de celebração e regozijo nacional que evocam estas páginas é contagiosa. Alguns dos leitores de Saramago até chegam a equiparar o momento do Nobel a Abril de 1974 e à Revolução dos Cravos: - assim testemunham a escritora Luísa Ducla Soares: “De certa forma, lembrou-me aquela alegria total e espontânea do 25 de Abril” (p. 97), e também o cantor Carlos Mendes: “Aconteceu um novo 25 de Abril!” (p. 99).

Ricardo Viel afirma na sua introdução que o Nobel de José Saramago tem o estatuto de “um galardão que foi recebido e celebrado como um bem comum”, declarando ainda: “Foi o Nobel da língua portuguesa, o Nobel de milhões de leitores de Saramago espalhados pelos cinco continentes. E também o Nobel de aqueles que, não tendo lido um só livro do autor, se reconheciam nas suas origens e forma de ver o mundo” (p.16).

Disse o próprio Saramago em Estocolmo, respondendo às perguntas de um jornalista após a cerimónia, que nesse momento desejaria ter ao seu lado “os levantados do chão, aqueles que ficaram lá atrás na história” (p. 69), assim, de forma implícita, vinculando as suas origens humildes e as suas personagens de origem semelhante, como Baltasar e Blimunda, com a mais ampla luta popular.

Este excelente estudo de Ricardo Viel, informativo e comprometido, pode ser considerado como uma valiosa contribuição ao acervo investigador ao redor de um escritor cujo reconhecimento internacional é testemunha do incansável empenho que sempre expressou para com a literatura e as maiores causas da humanidade.

Um país levantado em alegria

Ricardo Viel

Lisboa: Porto Editora, 2018, 177 p.